Ano X — Lisboa, Julho de 1954 — N.º 111

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O Escotismo ao serviço da amizade Luso-Brasileira



No momento em que um esperançoso grupo de jovens escoteiros portugueses desembarca em terras brasileiras a fim de levar o ardoroso entusiasmo da sua juventude às comemorações escoteiras do IV Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo, parece-nos muito oportuno considerar aqui o alto valor das relações internacionais do Escotismo para o fortalecimento da amizade entre os povos e entre as nações. Já Baden-Powell afirmava que «esta fraternidade do Escotismo, em muitos aspectos, se parece a uma cruzada. Os Escoteiros, de todas as partes do mundo, são embaixadores de boa-vontade que se dedicam a fazer amigos deitando por terra as barreiras de cor, credo e classe social».

Este ideal de fraternidade entre os povos é hoje um anseio profundo de todos os homens. Passou já a infeliz época em que cérebros exaltados pugnavam por um nacionalismo extremo, que excluía todos os contactos entre as nações. O Escotismo, atacado rudemente por tais energúmenos, atravessou incólume essa agitada procela e manteve inalteráveis os seus elevados princípios de amizade internacional, que não excluem o mais arreigado amor à pátria, traduzido numa dedicação desinteressada por tudo aquilo que possa contribuir para o seu engrandecimento.

Logo que os canhões deixaram de vomitar metralha na última grande guerra, e sem dar tempo a que as armas arrefecessem, já os escoteiros cruzavam continentes restabelecendo relações que o conflito tinha interrompido. Parece que a mocidade escoteira sentia a sua responsabilidade na restauração da paz e desejava ardentemente contribuir para uma melhor compreensão entre as nações. O Fundador recordara que «o Escoteiro não é só amigo daqueles que o rodeiam, mas antes é *amigo de toda a gente*. Os amigos não pelejam entre si — dizia ele — ,se fizermos amizades em países estrangeiros, do outro lado do oceano, eles também farão amizade connosco e nunca desejaremos pelejar». E, noutro passo, acrescenta: — «O nosso fim deverá ser o de criar o espírito de boa-vontade e de fraternidade tão largamente e em tantas nações que a vontade dos povos acabe por substituir a dos dirigentes agressivos e estabeleça a paz no mundo». Estas palavras saídas da boca de um general, que tanto amou e defendeu a sua pátria, não podem deixar de ter um sentido construtivo, que se não presta a críticas tendenciosas.

Portugal e Brasil são hoje duas nações independentes, irmanadas por uma história e tradição comuns, que se amam e estimam recìprocamente. Existe uma compreensão mútua que não necessita de propaganda para se afirmar, porque se filia em profundos sentimentos e ideais comuns, cimentados pelos indissolúveis laços da raça e da língua. Se estas relações de família são tão reais, nem por isso devemos deixar continuamente de as fortalecer, procurando cultivar o intercâmbio entre portugueses e brasileiros, estimulando relações culturais, científicas e artísticas, que conduzam os povos a um maior conhecimento comum. Não têm os governantes perdido oportunidade de fomentar estas relações e, por isso

(Conclui na 2.ª página)

Soliloquio

— «Nuvem que vais passando, aonde vais?
Porque manchas de cinza o azul distante?»
— «Eu sigo com o vento para avante
Fui água e sou água e nada mais!»

— «E não sonhas? Não ergues ideais?
O que buscas, ó ébrio viandante?»
— «Não tem destino, o meu destino errante,
Sou água, serei água e nada mais!»

Quem dera, ó nuvem, fosse assim também,
A minh'alma e o sonho que ela tem,
A minha dor, a minha imensa mágoa,

Seguir-te no voo longo e disperso
Deixar, depois cair sobre o Universo,
P'los meus olhos as tuas gotas de água!

AZEDO CARREIRAS

SEMPRE PRONTO

Durante o mês de Agosto próximo, por motivo de férias, encontram-se encerrados os nossos serviços de Redacção e Administração, ficando de serviço apenas o nosso Redactor-Principal, que procurará dar expediente aos assuntos de maior urgência.

Pedimos a todos os nossos leitores e assinantes o favor de tomarem nota de que os nossos telefones não funcionarão nesse mês e alguma correspondência recebida poderá sofrer algum atraso, do que pedimos desculpa.

No entanto, o «Sempre Pronto» será publicado regularmente na data própria.

Chefe José Rodrigues

Este antigo chefe-escoteiro do Grupo n.º 7, tão conhecido nos meios escotistas, que foi também um apaixonado do ciclismo, desporto que ainda hoje cultiva, encetou nos primeiros dias deste mês uma viagem de volta a Portugal com o mesmo precurso da 1.ª volta a Portugal a que José Rodrigues concorreu.

Nesta viagem, a que chamou *Raide de Saudade*, o chefe José Rodrigues é acompanhado pelo seu filho Flávio. Desejamos-lhes boa viagem e felicidades.

Quero conversar contigo, Escoteiro:

Ainda o equipamento

Depois da nossa última palestra acerca do teu equipamento de campo, estou convencido que já estás resolvido a dispensar a maior atenção e cuidado ao material. E fazes bem. Um escoteiro tem orgulho no seu equipamento e dispensa-lhe o maior cuidado para que esteja sempre pronto a ser utilizado. Posso afirmar-te que pelo equipamento se pode avaliar a fibra campista do escoteiro. Quando visitamos um acampamento, uma rápida observação das tendas e material de campo indica-nos o valor técnico dos campistas.

Não se trata de saber se a patrulha dispõe de material moderno e de boa qualidade. O material pode ser pobre, muito usado, mas estar cuidado com carinho. Machados, pás, picaretas, tudo limpo e afinado sem vestígios de ferrugem. Cantinas asseadas. Lanternas limpas e bem cuidadas. Tenda sem lhe faltar um esticador. Espias falcaçadas. Material de lona bem limpo e sem mofo.

Para conseguir isto, é necessário que, no regresso de cada acampamento, não abandones o teu material sem ter o cuidado de o deixar a arejar e a secar e reserves uma das primeiras noites para devidamente te ocupares da sua conservação e reparação. Se uma tenda regressar húmida do campo e não a puseres imediatamente a secar, criará mofo e o pano ficará negro para sempre.

Os machados e outros utensílios de aço ou ferro, devem ser limpos e untados com gordura. As cantinas, se forem de folha de flandres, precisam igualmente de ser limpas e untadas com um pouco de azeite, caso contrário criarão ferrugem. O alumínio ou esmalte precisa de ser bem lavado e limpo para que os utensílios não criem cheiro e dêem mau gosto aos alimentos.

O equipamento individual necessita de iguais cuidados. Um Escoteiro tem sempre o seu uniforme, equipamento e material de campo pronto a ser utilizado.

A escolha do local para o acampamento

A escolha do local do acampamento é também assunto que necessita atenção e saber. Não serve um sítio qualquer. Há que eleger um local que esteja afastado das habitações, das estradas ou caminhos, de linhas férreas, mas que também não esteja demasiadamente distante de centros de abastecimento, médico e telefone.

É indispensável que exista no local água potável para beber, para a comida e lavagens. Um pequeno rio onde se possa tomar banho será óptimo, mas, pelo menos, é indispensável que exista água suficiente para a higiene individual.

Convém que o acampamento fique afastado de árvores isoladas, pelo perigo do raio. O terreno deve ser batido pelo Sol, embora seja necessário que disponha de sombra. O terreno sombrio é húmido e doentio. Num bosque procurarás, pois, uma clareira para armar a tua tenda.

É bom evitar o terreno demasiado plano. Convém que seja um pouco em declive para que, em caso de chuva, as águas possam escoar. Fugir da proximidade de águas estagnadas. Os mosquitos incomodam e são perigosos para a saúde.

O solo deve ser seco, permeável e não argiloso. Os terrenos de areia solta não são bons para acampamento. As areias invadem o equipamento e a comida, fatigam e dão má dormida.

Também é conveniente evitar a proximidade de muros velhos, montes de pedras, de feno ou de lenha, lugares onde se podem esconder víboras ou lacraus, que são perigosos.

A vizinhança de despenhadeiros, colmeias ou margens de rios em épocas de inundação, não são também de aconselhar.

O campo ideal terá horizontes largos, boas paisagens e deverá despertar o espírito de aventura. Evita acampar sempre no mesmo local. Busca sempre novos horizontes e vive feliz ao ar livre.

VELHO CASTOR

20.º Aniversário do Grupo 94

Passou, em 8 de Julho corrente, o 20.º aniversário da fundação deste Grupo, a quem o «Sempre Pronto» deve a sua existência.

Como se está procedendo a obras na Sede desta unidade, as respectivas comemorações serão feitas em Setembro.

Alguns antigos-escoteiros lembraram-se de oferecer, nessa altura, uma nova bandeira ao Grupo 94. Os antigos membros do «94» que queiram cooperar nesta lembrança podem mandar as suas ofertas para a Redacção do nosso jornal.

No próximo número publicaremos as primeiras importâncias subscritas.

LIVROS ESCOTISTAS

Edições brasileiras

Livro de Jogos, de Boto Velho...	15$00
O que é o Escotismo, 2.ª edição..	4$00
Para ser Escoteiro, pelo Dr. Floriano de Melo, manual escotista muito ilustrado, com as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes.....	15$00
Curso de Monitores (Guias de Patrulha).....	12$00
Guia do Escoteiro-Chefe, de B.-P.	10$00

O Escotismo ao serviço da amizade luso-brasileira

(Conclusão da 1.ª página)

mesmo, esta embaixada escoteira a terras do Brasil se reveste de significado que queremos pôr em merecido relevo.

Para que os povos se amem é necessário que se conheçam. E esse conhecimento será tanto mais útil se for feito pelos novos, pela mocidade, por aqueles que amanhã serão os continuadores das duas Pátrias. Estes catorze escoteiros vão descobrir que Portugal se desdobra noutra pátria irmã e vão levar aos seus irmãos brasileiros a certeza de que no extremo do Velho Continente europeu habita um povo que ama o Brasil e que acompanha com orgulho o seu glorioso progresso.

Tudo quanto o Escotismo puder fazer — e bastante já tem feito — para que a mocidade das duas nações se conheça e se compreenda, será obra de alto interesse nacional de que a posteridade colherá frutos preciosos. Por isso, aquele punhado de rapazes portugueses que vão erguer as suas tendas na terra desbravada a rasgos de audácia e de sacrifício pelos seus maiores, levam à mocidade do Brasil o abraço fraterno da juventude de Portugal e a afirmação inequívoca de que a amizade luso-brasileira continuará através dos anos para exemplo do Mundo.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

De 22 a 24 de Abril passado reuniu no Rio de Janeiro a 8.ª Assembleia Nacional Escoteira, que se ocupou de muitos problemas relativos ao Escotismo e na qual tomaram parte representantes das Regiões Escoteiras do Brasil.

No dia 24 foi eleita a Directoria Nacional e o Conselho Nacional dos quais fazem parte personalidades de grande relevo não só no Escotismo Brasileiro, mas na própria Nação. As duas entidades superiores da União dos Escoteiros do Brasil tomaram imediatamente posse e ficaram assim constituídas:

Directoria Nacional:

Presidente—Dr. Vítor Coelho Bouças
Vice-Presidente — Dr. Ernesto Pereira Carneiro Sobrinho
Comissário Nacional — Comte. José de Araújo Filho
Secretário-Geral—Dr. Fernando Mibielli de Carvalho
Tesoureiro—Major Homero de Almeida Magalhães
Secretário de Publicidade — Dr. Pedro Fraga
Comissário Internacional—Sr. Mauro Vielfelon Galliez.

Conselho Nacional:

Almirante Benjamin Sodré
Coronel João Carlos Gross
Dr. Francisco Floriano de Paula
Dr. João Ribeiro dos Santos
General Dr. Bonifácio António Borba
Prof. Gabriel Skinner
Ch. Arlindo Ivo da Costa
Dr. Luiz Teixeira de Alencastro
Dr. Mathias Octávio Roxo Nobre
Ch. João Fernandes Brito
Coronel Léo Borges Fortes
Prof. Lourival Camargo Pereira.

• • o • •

Apontamentos para a história do Escotismo em Portugal

1933—**Novembro e Dezembro.** Foi estabelecido o programa de preparação de chefes.

Foram aprovadas as instruções provisórias para a organização e funcionamento da Fraternal dos Antigos Escoteiros. Fins: «Manter ligados ao Movimento os antigos escoteiros para que continuem a conduzir-se de conformidade com o espírito de Lei, ajudem — dentro das suas possibilidades—a A. E. P., e realizem a divulgação dos princípios, fins e métodos escotistas».

Aprovadas as bases para ser lançado o movimento dos «escoteiros isolados».

Publicadas «3 cartas da A. E. P.»: aos rapazes, aos pais, aos professores.

No I Congresso dos Clubes Desportivos é apresentada a tese «O movimento escotista e o movimento desportivo».

1934—**Janeiro a Março**—No Liceu de Pedro Nunes (sede do grupo n.º 3) realizou-se o 1.º encontro dos Antigos Escoteiros, em 14/1/1934. Publica-se o «Manual do Escoteiro do Ar», curso de divulgação realizado no Núcleo de Lisboa.

Anuncia-se o Acampamento geral, no Porto, por ocasião da Exposição Colonial.

Abril—Baden-Powell vem a Lisboa. O Ministro da Instrução recebe os dirigentes e professores. 1.500 escoteiros reúnem-se em S. Pedro de Alcântara.

O Rotary Clube recebe um representante dos E. P.

Maio e Junho—É publicado o livro «Para ser Escoteiro» (manual da 3.ª classe) e «Jogos e distracções para a mocidade».

Pouco depois publica-se o manual para a 2.ª classe.

A Ordem de Benemerência é conferida à A. E. P.; sessão solene na Sociedade de Geografia.

Nela o Presidente da A. E. P. diz:

«Nós somos uma organização muito nacional, que tem sabido adaptar às condições da vida portuguesa, e até às da vida local, um sistema educativo oriundo duma nação amiga e longamente difundido por todo o Mundo».

O Secretário-Geral da A. E. P. é agraciado pelo C. N. S. com a medalha de agradecimento.

SERVIÇOS CENTRAIS

ESCOLA DE CHEFES

A Chefia-Geral está organizando um Curso de Chefes no qual poderão participar os actuais e antigos dirigentes, Caminheiros e outros indivíduos a quem o Escotismo possa interessar.

O Curso de Chefes para a Divisão Escoteira é dividido em 33 capítulos, versando os vários ramos de actividade escotista, a saber:

1—Generalidades—Fins e características do escotismo. Formação Patriótica.
2—Baden-Powell.
3—A criança e a educação escotista, métodos usados.
4—O Escoteiro-Chefe, sua missão e sua orientação. Exemplo.
5—Educação religiosa, moral e cívica.
6—Educação profissional.
7—Organização geral da A. E. P.
8—Qualidade visada para a formação do escoteiro: carácter—saúde e vigor—habilidade manual—serviços ao próximo.
9—A lei do Escoteiro e compromisso de honra.
10—A vida do grupo e suas divisões.
11—Sistema de patrulhas — A patrulha, sua organização—O Guia.
12—Conselho de Guias.
13—Sistema de classes e especialidades.
14—Espírito de observação.
15—A Boa Acção colectiva.
16—Palestras aos rapazes.
17—A Sede.
18—O uniforme do escoteiro e distintivos.
19—Serviços Administrativos do grupo e patrulha.
20—Material e equipamento, sua conservação.
21—Como atrair os rapazes e como conservá-los no grupo.
22—Programas de instrução e assuntos de interesse geral.
23—Formações, evoluções e cerimónias.
24—Transmissões — Homográfico e Morse—Estafetas.
25—Topografia.
26—Higiene.
27—Primeiros socorros.
28—Defesa Civil do Território.
29—Orientação.
30—Campismo.
31—Nós e ligações—Cabo vaivém, mastros, pontes e vedações.
32—Educação física—jogos.
33—Canto coral e folclore.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 79 — Lisboa

Este grupo efectuou nos dias 9 e 10 de Junho p. p. um exercício de instrução, especialmente destinado ao treino da patrulha "Egas Moniz„ de Paço de Arcos.

No concurso efectuado pelas patrulhas «Egas Moniz», «D. Afonso Henriques», «Lobo» e «Águia», foi vencedora a segunda.—C.

Grupo n.º 84—Entroncamento

A Banda deste grupo colaborou em importantes festejos a favor do Hospital desta Vila, tendo percorrido as ruas no dia 12 de Junho, tocando marchas, para início das festas.

● No dia 17 este grupo realizou uma excursão pelos arredores.—C.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Embora a não inclusão do "60„ na representação a enviar ao Brasil tivesse arrefecido um pouco os ânimos, continua este grupo aproveitando o melhor possível os fins de semana de um verão que se nos antolha esplêndido.

Em 19 e 20 do corrente acamparam junto à mata local as patrulhas «Águia», «Poupa» e «Lobo», que ali realizaram bom trabalho escotista.

A mata presta-se admiràvelmente ao seguimento de pistas, simulacro de acidentes e condução de «feridos», transmissões, etc., e num concurso de aperfeiçoamento e treino que lhes ocupou toda a manhã do dia 13, demonstraram os componentes daquelas patrulhas estarem à altura dos cargos e «aptidões» que lhes têm sido conferidos. Com palestras e outros trabalhos teóricos, arranjo dos subcampos, jogos, completou-se o programa de uma actividade que, como as anteriores, resultou frutuosa.

Em 26 e 27 acamparam as patrulhas «Águia» e «Poupa», com programa adequado, que foi bem cumprido.

Em 3 e 4 de Julho realizou-se novo acampamento em que tomou parte todo o efectivo do grupo.

* * *

No fim de mais um trimestre a contar para o concurso «Taça A. E. P.», as patrulhas esforçam-se por obter boa classificação. Apesar da «Lobo» se encontrar presentemente em primeiro lugar, as favoritas, ao que supomos, são a «Águia» e a «Poupa», pela ordem respectiva. O número de «iniciativas» (trabalhos apresentados de utilidade para a patrulha ou grupo) decidirá quanto à vencedora.—C.

Grupo n.º 77 — Faro

No passado dia 11 do corrente este grupo seguiu em exploração ao Serro de S. Miguel, onde encontrou o Grupo 6, tendo executado um exercício nesse mesmo serro.—C.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

PARTIU PARA S. PAULO-BRASIL

A DEPUTAÇÃO PORTUGUESA

AO ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PATRULHAS

A Organização do Contingente

Dissemos, no último número deste mensário, que a escolha criteriosa do Chefe do Contingente que iria representar os Escoteiros de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas, revelava o interesse que a Direcção tinha posto nesta representação. Até ao fim, todos os preparativos feitos serviram para confirmar este interesse. As duas patrulhas foram fornecidas de uniformes impecáveis e equipamento e material de campo excelente.

Os seis rapazes do grupo de Olhão chegaram a Lisboa na sexta-feira, dia 25 de Junho, sendo aguardados na estação da Praça do Comércio pelo Chefe Geral Adjunto sr. Albano da Silva e pelos escoteiros de Lisboa que fazem parte do contingente da nossa representação. No primeiro dia, os olhanenses estiveram hospedados no Refeitório da Junqueira, sendo depois três deles hospedados pelos seus camaradas de Lisboa e outros três por parentes que residem na capital.

Na segunda-feira, logo de manhã, chegou a Lisboa o chefe Francisco do Nascimento Pina, que era aguardado pelos membros do mesmo contingente e pelo chefe Armando Lino. O activo dirigente do grupo de Olhão veio a Lisboa para assumir a chefia de um acampamento das duas patrulhas do nosso contingente, a fim de os rapazes se habituarem a trabalhar em conjunto, visto serem provenientes de grupos diferentes. No mesmo dia, seguiram para S. Domingos de Benfica.

O acampamento durou até quinta-feira. Na última noite realizou-se um fogo de conselho ao qual assistiram alguns dirigentes, nomeadamente o chefe Albano da Silva.

Antes da partida, os escoteiros da capital foram inspeccionados rigorosamente pelo sr. dr. Leopoldo de Figueiredo, tendo os escoteiros de Olhão sido inspeccionados naquela Vila.

Apesar das formalidades a cumprir para o embarque, os algarvios tiveram ainda oportunidade de visitar a cidade, monumentos e museus, e até mesmo a Feira Popular.

O chefe Pina regressou ao Algarve na sexta-feira, deixando saudades não só nos escoteiros do seu grupo, mas já também em todos aqueles que dirigiu no seu acampamento e nos muitos amigos que tem em Lisboa.

A partida

No sábado, dia 3, à uma hora da tarde, na sede da A. E. P. havia já grande actividade. O chefe Albano da Silva escrevia no quadro negro os números dos camarotes que correspondiam a cada escoteiro e fazia recomendações necessárias. Sacos alpinos, sacos de bordo, material pronto para a viagem. Estavam presentes o chefe geral adjunto sr. Tovar de Lemos, e os srs. Wolfgang Karl, com a sua máquina fotográfica; chefe Magalhães Ferraz, pais dos escoteiros e, naturalmente, os felizes viajantes. Todos procuravam aparentar a maior serenidade, como se se tratasse de um acampamento de fim de semana, mas a verdade é que se sentia um nervosismo contagiante.

É grande a emoção que sinto ao envergar, depois de 20 anos, a farda de escoteiro, — diz-nos o chefe Albano da Silva.

O chefe Albano da Silva foi o organizador incansável do contingente e nos últimos momentos ainda havia problemas a resolver. Queríamos pedir-lhe algumas palavras para o «Sempre Pronto», mas foi a custo que conseguimos apanhar um momento disponível. Apesar disso, porém, recebeu-nos amàvelmente, dizendo-nos: —Sabe que eu sou homem de acção e não de palavras. Quando voltar talvez tenha, então, alguma coisa para contar. No momento da partida posso dizer que evidentemente é natural o nervosismo de um delegado sobre cujos ombros pesa a responsabilidade do contingente, mas foi sobretudo grande a emoção que há pouco senti ao envergar de novo, depois de 20 anos, a farda de escoteiro». A atenção do nosso entrevistado foi atraída por outro assunto e nós ficámos a meditar nas suas últimas palavras. O Escotismo em Portugal é um Movimento que pode dispor de grandes dedicações. Albano da Silva é um antigo-escoteiro que prestou serviços ao Escotismo e que chamado se apresentou. Nomeado chefe-geral adjunto vem fazendo bom trabalho, sendo-lhe agora confiada esta missão. Quantos outros antigos-escoteiros, elementos competentes e úteis, poderão ser aproveitados se se criarem condições de trabalho agradáveis e um ambiente integralmente escoteiro?

Uma nota simpática

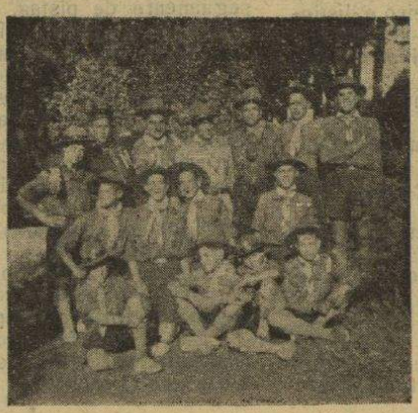
A organização do contingente não foi fácil. Alguns dos escoteiros seleccionados tinham dificuldade em se afastar dois meses do país, quer por motivos profissionais quer por estudos. Houve, por exemplo, um patrão antipático que negou licença a um escoteiro. Em compensação um dos eleitos estava apenas empregado há um mês. O escoteiro aguardava ansioso o regresso do patrão, que estava ausente, para lhe fazer o surpreendente pedido de dois meses de licença, naturalmente sem vencimentos. Todos diziam que o patrão não podia conceder uma licença a um empregado com tão pouco tempo de serviço. Mas, assim não sucedeu. A licença foi concedida, vencendo ordenado, e ainda o rapaz foi generosamente gratificado. Eis uma nota simpática que merece ser citada. Trata-se da casa de artigos fotográficos INSTANTA, Lda., que bem merece a nossa preferência por este gesto.

O embarque

Perto das 3 horas da tarde, as duas patrulhas chegaram ao Cais da Rocha. O «Santa Maria», o moderno e elegante navio da Companhia Colonial de Navegação, estava prestes a partir para a sua primeira viagem depois de uns meses de reparação. No cais encontravam-se inúmeras pessoas, mas sem dúvida eram os escoteiros que ali tinham atraído mais gente. Viam-se ali todos os membros da direcção da A. E. P., dirigentes dos grupos, antigos escoteiros, muitas pessoas de família, amigos e escoteiros que se iam despedir dos seus felizes camaradas. Era natural o entusiasmo. As duas patrulhas formaram para serem fotografadas e nós aproveitámos o ensejo para ouvir da boca dos próprios rapazes as suas impressões sobre a viagem que iam empreender.

Muito naturalmente, eles não sabiam o que dizer. Via-se que no seu cérebro se chocavam mil pensamentos. Alegres por partir, tristes por se apartarem da família, logo que começavam a falar queriam alargar-se em considerações. Todos manifestavam o seu regozijo, o reconhecimento ao sr. Comandante Henrique Tenreiro, Presidente dos Escoteiros de Portugal, à direcção, aos chefes dos seus grupos, etc. Foi preciso pedir-lhes para limitarem as

(Continua na 5.ª página)



Os escoteiros acampados na mata de S. Domingos de Benfica, com o chefe Francisco do Nascimento Pina



O contingente português, no Cais da Rocha, no momento de embarcar no «Santa Maria».

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PATRULHAS

A Deputação dos Escoteiros de Portugal foi carinhosamente recebida no Rio de Janeiro

O «Santa Maria» chegou ao Rio de Janeiro de manhã cedo, na quinta-feira, dia 15 do corrente, e às 9 horas atracou. No cais era aguardado por grande multidão, especialmente portugueses que ali acorrem saudosos a receber notícias da Mãe-Pátria. A notícia da chegada dos Escoteiros de Portugal tinha, porém, constado e muitos ali estavam para abraçar os jovens portugueses.



Os escoteiros portugueses no Rio de Janeiro, a bordo do «Santa Maria», com os dirigentes da União dos Escoteiros do Brasil, que lhes foram apresentar saudações

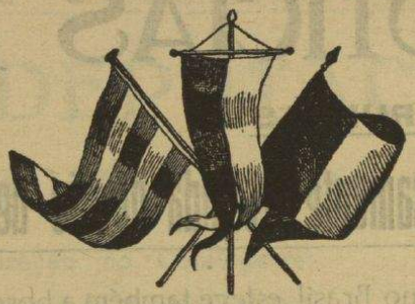
A União dos Escoteiros do Brasil fez-se representar por alguns dos seus principais dirigentes e diversos escoteiros. Logo que o barco atracou, subiram a bordo a apresentar saudações os srs. Mauro V. Galliez, Comissário Internacional; Comandante José de Araújo Filho, Comissário Nacional; João Fernandes Brito, Director da revista «Alerta!»; dr. João Ribeiro dos Santos, Comissário de Lobinhos; David M. de Barros, Comissário de Organização e delegado no Brasil do «Sempre Pronto»; e coronel Léo Borges Fortes, antigo Comissário Internacional que representou em 1950 a U. E. B. nas conferências realizadas em Portugal.

O sr. dr. António de Faria, Embaixador de Portugal no Brasil, esteve também a bordo a cumprimentar o Chefe e Escoteiros da Deputação Portuguesa, que às 4 horas da tarde foram recebidos na Embaixada. A Directoria da União dos Escoteiros do Brasil recebeu igualmente a nossa Deputação às 5 horas.

Os portugueses foram entusiàsticamente recebidos por todos, destacando-se a colónia portuguesa e a imprensa do Rio. A U. E. B. ofereceu-lhes um passeio de automóvel pela cidade e, às 7 horas da tarde, quando o navio largou para Santos, juntou-se no cais grande número de dirigentes escoteiros, escoteiros e compatriotas nossos que dispensaram aos nossos rapazes uma despedida carinhosa.

Sabemos que em São Paulo o contingente português é aguardado com igual entusiasmo, estando-lhe preparada uma recepção afectuosa.

A fotografia publicada nesta página, deve-se à gentil dedicação do nosso Delegado, sr. David de Barros, que prontamente no-la enviou por via aérea.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

Fundada em 1885 e Registada Premiada desde 1903, 1932-33

DE **MARGARIDA CARDOSO DA COSTA**

Sucessora de ANTÓNIO CARDOSO

149, Rua dos Correeiros, 151 LISBOA - PORTUGAL

Telefone 27482

Executam-se com a máxima perfeição e rapidez: Bandeiras nacionais e estrangeiras, estandartes e galhardetes para Câmaras Municipais, Legião, Mocidade, Grémios, Sindicatos, Casas do Povo, e Associações. Ampliações de desenhos, para serem aplicados em filel e de lã ou seda. Hastes de madeira, metal polido ou cromado, bandoleiras, etc.

Grande sortido de bandeiras pe todas as nações para aluguer/ Preços de concorrência/ Orçamentos grátis.

CASA DAS BALANÇAS

FONSECAS, L.DA

Rua da Vitória 54 — LISBOA

Balanças, pesos e medidas,

cofres, moinhos para café,

louças de alumínio e esmalte

Utilidades

UM PROBLEMA DIFÍCIL

O João e o Carlos da patrulha Lobo estão sempre procurando apresentar um ao outro, problemas difíceis para resolver.

O Carlos chegou à sede num dos últimos dias com ar vitorioso. Assim que entrou o João e mal tinha tido tempo de o cumprimentar já lhe dizia com entusiasmo:

—Hoje trago «uma» para ti que não és capaz de resolver!»

—«Venha de lá ela, não costumo ficar mal»,—respondeu o João.

«Então ouve: *Sabes qual é a coisa que sobe, que desce, que vai à direita, depois à esquerda e que não se mexe?*»

O João coçou a cabeça, pensou, matutou, não atinou com a resposta. E se não houver algum dos nossos leitores que o queira ajudar, o caso é que o João não pensa noutra coisa e só diz—*Impossível, não pode ser!*

A todos os leitores que nos enviarem a solução num simples postal, oferecemos uma pequena lembrança.

No próximo número daremos a solução.

O «Sempre Pronto» encontra-se no seu 10.º ano de publicação. São 10 anos ao serviço do Escotismo, numa obra de propaganda e doutrinação que bem merece a estima de todos os Escoteiros. Por isso, nos sentimos autorizados a pedir a todos os Escoteiros que nos ajudem na Campanha para novos assinantes, na certeza de que a difusão do «Sempre Pronto» é de alto interesse para o Escotismo e para a Educação da mocidade.

Desporto, Cinema e Educação

III

Depois do que deixei dito antes, parece-me fácil de compreender por que o desporto português se encontra hoje em profunda decadência. A sua profissionalização destruiu o espírito desportivo e, com ele, os benefícios que o desporto poderia trazer à mocidade. Desde que se entrou por esse caminho errado, criou-se — era inevitável — no espírito dos desportistas, esta noção: ganhar a todo o custo. Ganhar é o escopo de todo o clube de futebol; já se não admite que um árbitro imponha qualquer penalidade a um jogador infractor, como se chega até a discutir e a censurar as decisões da Federação Portuguesa de Futebol quando ela impõe sanções a um clube que infringiu as normas e regras desportivas. Não admira, portanto, que se tenha visto já o caso lamentável da agressão de árbitros, quer por parte dos jogadores, quer por parte do próprio público.

E' certo que, muitas vezes, certos árbitros se têm deixado subornar, demonstrando uma parcialidade condenável no exercício das suas funções, esquecidos de que, precisamente porque são árbitros, devem ser rigorosamente imparciais.

Mas, em muitos outros casos, tem sido a excessiva parcialidade do público o responsável pelos excessos cometidos contra os que arbitram um jogo.

Dizia-se nos tempos áureos das touradas, que nestas intervinham três feras: o touro, o toureiro e o público, e que das três era este o mais feroz. Hoje, pode dizer-se quase o mesmo dos desafios de futebol, com a diferença apenas de que «feras» há ali apenas uma: o público. Como é que se compreende que pessoas, normalmente cordatas, fazendo vida pacata, muitas desempenhando funções de relevo na vida civil, gozando mesmo de prestígio social, uma vez sentadas numa bancada dum campo de futebol se descomponham ao ponto de descerem ao insulto soez e até às palavras obscenas atiradas como projécteis para o campo em que duas equipas se batem? Como é que pode compreender-se que até mulheres assumam ali atitudes descompostas, com brados selvagens lançados contra os que jogam? Como é possível ter-se chegado a estes excessos, tantas e tantas vezes testemunhados por dezenas de crianças e de adolescentes? Que exemplo indecoroso lhes estão a dar os homens e as mulheres de hoje, levados por uma parcialidade facciosa nos antípodas do verdadeiro espírito desportivo? Como poderão incutir-se no espírito dos jovens esses princípios de disciplina, de urbanidade, de correcção, de afabilidade, de delicadeza que noutros tempos ainda recentes constituíam a base sobre que assentavam as relações entre os homens?

E' um facto, infelizmente palpável, que essas noções desapareceram ao ponto de a mocidade de hoje as ignorar totalmente, arvorando em paradigma da sua vida de relação as atitudes grosseiras dos chamados «ídolos do desporto», que são vitoriados como conquistadores ou como beneméritos da Humanidade! A cada passo vemos rapazes e raparigas da melhor sociedade falar e proceder com a maior grossaria para com toda a gente, quer na rua, quer nas salas, assumindo atitudes tais que chocam os espíritos bem formados, sobretudo aqueles que ainda conheceram, na sua infância, as maneiras dos bons tempos passados.

Passeando-se nas ruas não é preciso ter decorrido muito tempo antes de se ver praticar actos de incorrecção para com qualquer pessoa, muitas vezes agravados ainda pelas atitudes agressivas com palavras malsoantes à mistura. A cada passo vemos dentro dos carros eléctricos ou dos autocarros pessoas demonstrarem ausência absoluta da mais elementar correcção para com os seus vizinhos, num falso conceito do que seja a liberdade individual que, evidentemente, tem por limites os da liberdade alheia. Os atropelamentos de velhos, senhoras e crianças são vulgarísimos por parte daqueles que, possuídos da vertigem da velocidade, mal deste nosso conturbado século, querem instalar-se primeiro do que ninguém, demonstrando um egoísmo que uma sólida educação moral deveria ter feito desaparecer na segunda infância.

Nas repartições públicas é corrente a grossaria com que os funcionários do Estado costumam receber os que são forçados a lá ir, esquecidos aqueles de que o Estado se criou para a defesa dos indivíduos e da comunidade, e que eles, funcionários, são servidores do público que é, em derradeira análise, quem lhes paga.

Chega-se ao inconcebível de nos próprios estabelecimentos de ensino, mais nos de ensino oficial do que nos particulares (*et pour cause!...*) mestres darem aos discípulos o exemplo lamentável de se descomporem

(*Continua na 6.ª página*)

A DEPUTAÇÃO PORTUGUESA

(Continuação na 4.ª página)

suas palavras sòmente ao que pensavam da viagem, porque o espaço no «Sempre Pronto» não abunda.

O primeiro a ser ouvido foi o Daciano Vaz, do grupo 10 de Lisboa e guia da patrulha «Cão» do nosso contingente. — «Penso que vai ser uma viagem óptima e espero cumprir o melhor possível para honrar o nosso País». Cortámos-lhe a palavra e corremos logo ao guia da patrulha «Galo», Vítor Simões, do 6 de Olhão. Igual pergunta: — «Penso que vai ser uma viagem maravilhosa e uma oportunidade para aprender bom Escotismo. Vamos estar em contacto com rapazes de várias nacionalidades e fazer o possível por mostrar o que é o Escotismo em Portugal».

Seguiu-se o José Eduardo, do grupo 94 da Ajuda, Lisboa, filho do director do «Sempre Pronto» e ajudante do nosso desenhador. «Isto parece um sonho — diz ele —, estou muito contente por ir representar o meu país e espero que faremos boa figura para prestígio do Escotismo nacional e de Portugal».

O José Reinaldo também pertence à casa. É sobrinho do nosso camarada de redacção sr. Faustino Leitão e escoteiro do grupo 53 de Lisboa. Responde-nos que «vai ser uma boa viagem. Espero não enjoar, divertir-me bastante e cumprir a minha missão».

O Eurico de Figueiredo é também do grupo 53 e membro de uma família de tradições escoteiras. É filho do sr. João Pedro de Figueiredo e sobrinho do sr. dr. Leopoldo de Figueiredo. No Brasil, mesmo em S. Paulo, vai encontrar-se com seu tio que ainda há pouco nos visitou, o sr. prof. dr. Eurico de Figueiredo. Diz-nos: «Vai ser uma viagem estupenda, vou comer bastante para não enjoar. Despeço-me por intermédio do «Sempre Pronto» da minha família, camaradas e amigos».

João Garcia da Silva é um dos mais novos. Pertence ao grupo 5. Diz-nos: — «Espero fazer boa figura e estou contente com esta viagem inesperada».

José Carlos Calado, do grupo 2, parece-nos o mais novo e diz-nos com a alegria a brilhar-lhe nos olhos: «Espero que a viagem constitua uma grande alegria, façamos boa figura e não haja enjoos».

Pelo visto, a rapaziada vai toda com a preocupação do enjoo. Resolvemos pedir para se não referirem mais a essa parcularidade da viagem. Seguiu-se o Fernando Laranjeira, do 93 de Sintra. Sorridente, diz-nos: — «Acho que é uma boa viagem, espero ser feliz e que tudo corra bem. Tenho pena de deixar os meus pais, mas vou contente».

Faltavam ainda cinco escoteiros de Olhão. O tempo escasseava e teríamos de andar depressa. O Manuel Carlos de Mendonça, diz-nos que «espera fazer uma viagem muito agradável, classificar bem a A. E. P. e o seu grupo». O Carlos da Silva Mendes, de 14 anos, o mais novo de Olhão, fala como «gente grande»: — Penso que vai ser uma boa oportunidade para a educação dos nossos rapazes e também para mostrar o que se aprende no Escotismo».

«Estou muito satisfeito com esta viagem — diz-nos o Marçal de Sousa Lopes — e espero que todos os meus camaradas saibam aproveitar esta grande oportunidade». O José Floriano é guia de uma grande patrulha, a «Andorinha», e diz-nos: — «Estou contentíssimo por ir fazer esta viagem e espero que eu e os meus camaradas saibamos cumprir bem a nossa missão».

«Estou satisfeitíssimo com a viagem — diz-nos o Vítor Venâncio — e espero que todos saibamos honrar o Escotismo Portu-

(Conclui na 6.ª página)

Desporto, Cinema e Educação

(Continuação da 5.ª página)

em insultos soezes, usando, até, palavras de baixo calão, independentemente de outras atitudes de pouco decoro, nos antípodas daqueles preceitos pedagógicos da moderna Escola, que visaram desde o princípio a pôr termo ao rigorismo da velha pedagogia da férula e do simonte. Esquecem-se muitos mestres, lamentàvelmente, das disciplinas que tiveram de estudar e cujos princípios tiveram de exemplificar pràticamente antes de ascenderem à cátedra, como muitos funcionários públicos fazem gala de alardear o desconhecimento das normas que toda a deontologia profissional impõe e à própria profissão são inerentes.

Nos teatros, nos cinemas, nos restaurantes, nos hotéis, nas praias, nas termas, nas ruas, nas praças, em toda a parte onde os homens se juntam, é notória a falta de educação, da mais elementar educação que, noutros tempos, os próprios mendigos mostravam possuir, urbanidade que hoje não se encontra mesmo em tantas pessoas de categoria social superior.

Salvo melhor juízo, creio que a causa de todo este mal está, por um lado, no desporto tal como hoje ele se compreende, e, por outro, na progressiva «americanização» dos costumes, fruto de certo cinema. E chegou agora o momento de falar deste em especial, como um dos grandes responsáveis pela profunda deseducação das massas, facto agravado ainda com o desinteresse pela leitura e consequente alargamento do âmbito da ignorância das gentes, a despeito de os programas das várias modalidades de ensino se encontrarem pletóricos de noções e de ciência...

Tal como o desporto, também o cinema pode considerar-se altamente benéfico, tendo sido uma das grandes conquistas do homem nos princípios deste século. Ninguém ignora que, abandonada a sua fase inicial de tentativas ingénuas, começou o ele a singrar por um caminho que lhe abria novas perspectivas, do mesmo passo que dotava o homem de um meio admirável de cultura, que poderia completar, jamais dispensar, a leitura, o estudo e a reflexão. Efectivamente, se, por um lado, as fitas culturais punham diante dos espectadores aspectos da Natureza, da vida dos animais, das maravilhas da indústria e dos progressos da técnica, ao mesmo tempo que poderiam servir mesmo para o ensino directo de algumas ciências, pelo outro, transpondo para a tela as obras-primas do génio do homem, levavam o conhecimento destas a um público mais vasto aonde o livro não chega, contribuindo mesmo para despertar o gosto pela leitura de tantos autores de público ainda hoje restrito. Recordemos que *O Inferno*, de Dante, *A Ilíada*, de Homero, o *Hamlet*, de Shakespeare, o *Gunga Din*, de Kipling, o *Ivanhoe*, de Walter Scott, *Os Miseráveis*, *O Homem que Ri* e a *Nossa Senhora de Paris*, de Vítor Hugo, a *Eugénia Grandet*, de Balzac, *O Conde de Monte Cristo*, de Dumas (pai), o *Amor de Perdição*, de Camilo, o *Pigmalião*, de Bernard Shaw, *Cry, the Beloved Land*, de Alan Paton, o *Miguel Strogoff* e as *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne, e tantas outras obras representativas duma idade ou do génio dum povo encontraram no cinema muito maior audiência do que as obras de que foram extraídas, embora o génio característico de cada autor não possa jamais ser passado à tela, por residir sobretudo no estilo.

A História encontrou no cinema o meio ideal de se ensinar, pondo o homem vivo a agir no tempo por forma impressionante e flagrante de verdade, o que os textos jamais poderão dar, por muito que o espírito se esforce para isso. Quem há que não se lembre desse admirável *Napoleão*, de Abel Gance, da *Carga da Brigada Ligeira*, das várias fitas que tiveram Joana d'Arc como protagonista, dos *Sessenta Anos de Glória*, que fizeram a glória de Ana Neagle, *O Decálogo*, *Disraeli*, *Maria Antonieta*, *Cinco de Maio*, *Cristóvão Colombo*, *Luís de Camões*, *Madame Tallien*, *Henrique V*, *Átila*, *Mayerling*, *O Judeu Suess*, *Frederico o Grande*, etc., etc., etc.? E tal é o poder evocador do cinema — que excede o da própria pintura, pelo seu carácter dinâmico — que o ilustre Anatole France escreveu um dia: «Cinematografem a Revolução Francesa, se quiserem dizer ao Mundo o que ela foi».

E a par disto, como elemento de deleite para as crianças, o cinema presta-se admiràvelmente a esse papel com os belíssimos desenhos animados, que encontraram em Walt Disney um impulsionador genial.

Do ponto de vista educativo, pode ainda o cinema desempenhar papel de alta importância, narrando visualmente histórias cuja moral ficará assim melhor gravada no espírito das almas simples, mais fàcilmente impressionáveis, portanto mais sensíveis à imagem do que à leitura ou à palavra.

Perguntar-se-á: Mas se o cinema é esse veículo admirável de

(Conclui na 7.ª página)

A DEPUTAÇÃO PORTUGUESA

(Conclusão na 5.ª página)

guês». Por último, o escoteiro marítimo do grupo 85 de Lisboa. Chama-se Ody Sacadura e é ainda primo do nosso glorioso Sacadura Cabral. Afirma-nos: — «Estou muito contente, espero que seremos todos bons amigos e que saberemos desempenhar-nos bem da nossa missão».

Estávamos satisfeitos por ter escutado todos os rapazes. Quisemos assim dar aos nossos leitores uma pálida ideia da alegria que todos sentiam.

Entretanto, chegaram ao cais os srs. Comandante Henrique Tenreiro e Comodoro Daniel Duarte Silva, presidente e escoteiro-chefe-geral, que passaram revista às patrulhas, dirigindo-se seguidamente a bordo, onde foram apresentar o chefe do contingente ao Comandante do «Santa Maria». Cabe aqui afirmar que tanto a direcção da Companhia, como o pessoal e tripulação distinguiram os escoteiros com todas as atenções e facilidades.

A despedida

Os rapazes embarcaram e foram conhecer os seus camarotes na 2.ª classe. O chefe Albano da Silva, meticuloso, quis que cada escoteiro soubesse onde estava o seu alojamento. Só depois vieram para a coberta. O barco começava a preparar a largada. Voaram serpentinas a que o vento dava aspectos imprevistos. Os escoteiros eram alvo de muitas atenções. De todos os lados lhes acenavam e eles a todos procuravam corresponder. De repente, os nossos rapazes apareceram com pequenas bandeiras nacionais. Cantaram o «É lá», deram vivas a Portugal e houve um momento em que os adeus foram mais intensos. O barco ia partir. O grupo 10 no cais cantou a Canção do Adeus e os escoteiros no barco "À Portuguesa". Havia um ambiente de entusiasmo que conseguia abafar as tristezas da partida. No cais ouvem-se palmas dos muitos antigos escoteiros que ali tinham vindo trazer o seu abraço de despedida.

Mas o navio já corria pelas águas do Tejo um pouco agitadas pelo vento. A sua silhueta graciosa ficou a desenhar-se ao longe, mas já a cobria uma nuvem, a saudade, a que o coração português tão sensível é.

* * *

À sua passagem por Vigo, os Escoteiros foram acolhidos pelos nossos camaradas daquela cidade. Logo de manhã, foi a bordo o sr. Victor Peres Rios, que saudou o chefe do contingente e acompanhou os escoteiros na sua visita à cidade. Durante a tarde os escoteiros foram acompanhados por outro escoteiro o sr. José Delgado.

A Campanha para mais assinaturas

Mais três assinantes

O nosso dedicado assinante e irmão-escoteiro sr. José Ferreira Fernandes, de S. Miguel das Aves, Negrelos, teve a gentileza de nos indicar o nome de três possíveis assinantes do nosso jornal que, convidados a subscrevê-lo, nos honraram com a sua assinatura.

Daqui lhe enviamos o nosso muito obrigado e um abraço de saudações.

Até agora registámos 111 novos assinantes.

Cantinho dos mais novos

«RECORDANDO . . .»

Embora tudo isto se tenha passado há tantos anos, parece-me que todas estas coisas sucederam apenas ontem... Tenho a impressão de estar ainda a ver a casa toda caiada de branco, as duas varandas que quase desapareciam sob as trepadeiras enormes, o estábulo com os dois bois sempre cheios de fome... Quando surgia o inverno, triste e agreste, o nosso quintal ficava branco, imaculadamente branco, de uma brancura feita da neve que caía lentamente do céu. Depois, sem uma praga nem um queixume, meu avô pegava na pá, e ia desobstruir a cancela, orgulhoso de não precisar da minha ajuda.

Se eu pudesse ser criança outra vez! Lembro-me ainda que, nesse tempo, eu e os outros rapazes da aldeia formávamos um aguerrido grupo de «cow-boys» armados até aos dentes com perigosíssimas armas de madeira e que as nossas aventuras nem sempre eram coroadas de êxito junto dos nossos pais. As coisas estavam neste pé quando se formou o primeiro grupo de Escoteiros; a aldeia inteira ficou embasbacada quando apareceram os primeiros uniformes e quando eu entrei fardado em casa as trepadeiras estremeceram de inveja...

O Chefe teve um trabalhão imenso para convencer toda a gente de que sabia o que fazia e de que não ia apadrinhar as passadas aventuras daqueles «heróicos e audazes conquistadores da planície». Ele era um homem muito alto e muito alegre e tinha um bigode que impunha respeito. Quando falava connosco, tínhamos a sensação de estarmos a ver coisas do outro mundo, pois ele viajara muito e tudo o que dizia adquiria forma e espalhava-se no ambiente. Sem darmos por isso, deixámos de ser maus, deixámos de «atacar», comboios imaginários, deixámos de arreliar os nossos pais...

Querido Chefe! Quando depois fizemos o compromisso de honra, eu iria jurar que o teu bigode tremia de comoção... Será pecado eu ter assim tantas saudades de ti, será pecado eu ter assim saudades do tempo em que me ensinavas a compreender as estrelas, o mistério da noite, o mistério de ser bom?

JORGE ADOLFO CIERCO
Esc. do 13

• o •

«A PATRULHA»

O 2.º Grupo de Escoteiros de Portugal publicou em Junho passado o primeiro número copiografado do seu boletim «A Patrulha». Este boletim é uma tradição do antigo grupo 2. Começou a publicar-se em 1925 e, por diversas vezes, tem feito a sua aparição.

Os actuais dirigentes do «2» manifestam o desejo de que «A Patrulha» possa ter publicação regular. Daqui os felicitamos por este primeiro número, formulando votos de que os seus projectos de assiduidade alcancem completo êxito.

Desporto, Cinema e Educação

(Conclusão da 6.ª página)

educação, distracção e cultura, como se compreende que se tornasse em elemento culpado de ter contribuído para a deseducação das massas nos dias que correm? Porque é que uma invenção maravilhosa como o cinema — que hoje, depois da descoberta do processo da sonorização e, ainda, do do colorido natural, que lhe dão a aparência da própria vida, abriu ao homem novas possibilidades expressionais de beleza — pode ter contribuído para a indolência mental dos homens, particularmente da juventude, abafando nesta toda a aspiração pela cultura e o amor da própria leitura?

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 5

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Depois, abrindo muito de mansinho a porta, Alfredo pôs-se a espreitar. Não se via pessoa nenhuma; o caminho estava desimpedido. Conduziu Sharik para fora, fechou a porta, e daí a pouco estava montado.

O caminho mais curto para a povoação era o que passava em frente da casa, e que até a uma certa distância se prolongava em linha recta, mas Alfredo não se atreveu a ir por aí. Foi seguindo a margem do gelado rio, e só tornou à estrada quando lhe pareceu que o poderia fazer sem perigo. Meteu então o cavalo a todo o galope. Para um animal nutrido, como era Sharik, não se podia dizer que fosse pouco ágil, e, além disso, era bastante dócil e muito seguro de pernas.

A noite estava esplêndida, e, se não fosse aquele peso que lhe oprimia o juvenil coração, Alfredo teria achado aquele passeio extremamente agradável. Em pouco mais de uma hora o rapaz transpôs a distância que o separava da povoação, e, sempre a galopar, chegou ao posto da polícia. O chefe conhecia perfeitamente a família Oliver, e tratou logo de enviar socorro.

Na povoação estava de passagem uma força de cossacos, e o sargento dessa força foi pedir licença ao tenente para que alguns soldados acompanhassem a polícia.

— Espera um pouco, para irmos todos juntos, meu rapazote — disse o sargento.

— Vou partir sem mais demora; não imagina o cuidado em que estou.

O chefe da polícia tinha os olhos fitos na intrépida criança, no momento em que esta montava de novo.

— Ainda és muito pequeno para andares assim cavalgando a horas mortas da noite — disse ele.

— Eu não vim só, Yakow Ivanitel — replicou Alfredo, e os seus negros olhos manifestavam a confiança de que se sentia revestido.

— Deus acompanhava-me — respondeu o rapaz. — Nunca deixei de reconhecer a Sua presença. — E, fazendo com a mão um gesto de despedida, afastou-se de novo a galope.

Sharik não necessitava de que o incitassem agora, no seu regresso a casa, e Alfredo, apesar da sua enorme impaciência, não teve ocasião de se queixar do seu pequeno corcel.

Quando se achava a coisa de um quarto de milha de casa, deixou a estrada e de novo se meteu pela margem do rio, vindo parar nas traseiras da casa.

Ao apear-se e ao levar o animal para a cavalariça, não viu luz em nenhuma das janelas. A porta da cozinha estava aberta, exactamente como ele a deixara, e, assim que entrou, Alfredo acendeu o gás. Qual não foi, porém, a sua surpresa, ao deparar-se-lhe a comprida mesa de pinho cheia de pratos sujos e de travessas com restos de comida; um grande número de copos, chávenas e garrafas despejadas, aumentavam ainda mais a desordem em que tudo aquilo estava. A casa tinha todo o aspecto de uma taberna das mais imundas.

Cheio de pressentimentos, o rapaz tirou uma vela do armário, acendeu-a, e meteu-se pelo extenso corredor que conduzia à parte interior do edifício.

Em poder do inimigo

Ao chegar à porta do escritório, Alfredo estacou. O gabinete estava deserto e às escuras, mas a um canto lá estava o cofre, sem que, aparentemente, lhe tivessem tocado; pelo menos, não tinham encontrado a chave.

Nos outros compartimentos estava tudo revolvido, faltando todos os objectos de valor, excepto aqueles que pelo seu tamanho não podiam fàcilmente ser transportados.

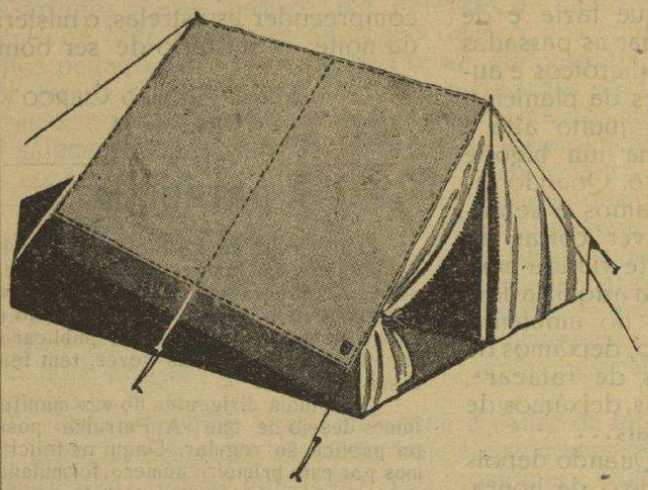
Alfredo subiu então ao andar superior, mas não encontrou ninguém. Até mesmo os quartos das criadas estavam desertos, e viam-se abertos todos os armários e gavetas, havendo roupa espalhada por toda a parte, como se elas, as criadas, tivessem saído muito à pressa, tomadas de medo.

Em último lugar, dirigiu-se ao quarto onde ele e o irmão dormiam. O horrível silêncio da casa começava a actuar fortemente sobre os nervos do pobre rapaz, que sentiu, pela primeira vez, faltar-lhe a coragem, ao ver-se naquele quarto que tantas recordações lhe evocava, e que estava agora tão só, tão abandonado.

Estava a ponto de descer novamente, quando lhe pareceu ouvir um débil som, produzido a pouca distância.

(Continua na página seguinte)

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917—LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

LIVROS

EDIÇÕES EM FRANCÊS

O «Sempre Pronto» liquida a sua existência de livros em língua francesa.

Éclaireurs, tradução do «Scouting for boys», de B.-P.	27$50
Route du Succès, de B.-P.	27$50
École de la vie, de B.-P.	31$00
Le Livre des Louveteaux, de B.-P.	27$50
Le Manuel du Chef de Patrouille, de B.-P.	29$00
Le Guide du Chef Eclaireur, de B.-P.	18$00
Pistes de Jungle, caderneta de Lobitos	15$00
Trente Garçons, de Pellegrin	12$00
Camps de Louveteaux, E. U. F.	15$00
Les Ponts, de René Marley	15$00
Noeuds et Passerelles, de René Morley	15$00
Jeux Eclaireurs, de B.-P.	27$50
Zig-zag-zoug, de Demole	27$50
L'Ami du Campeur, antigo Manual do Escoteiro, muito ilustrado, autêntica enciclopédia	80$00
Camps Eclaireurs	15$00

Até Setembro faremos o desconto de 15 % em todas estas obras

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto»

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Rio de Janeiro, 15. (Por via aérea)—Chegaram esta manhã a esta cidade, a bordo do «Santa Maria», os escoteiros portugueses que se destinam ao Acampamento Internacional de Patrulhas. O barco atracou às 9 horas e a Delegação portuguesa foi cumprimentada pelo Sr. Embaixador de Portugal, dr. António de Faria; e pelos representantes da União dos Escoteiros do Brasil, srs. Mauro V. Galliez, Comissário Internacional; Comandante José de Araújo Filho, Comissário Nacional; João Fernandes Brito, Director da Revista «Alerta!»; João Fernandes Brito, pelo Comissário de Lobinhos; David M. Barros, Comissário de Organização; e Coronel Borges Fortes. A U. E B. ofereceu aos portugueses um passeio de automóvel pela cidade. O barco largou às 7 horas da tarde para Santos.

Não deixe de dar o seu concurso à campanha do «Sempre Pronto» para mais assinaturas.

Contamos com a sua ajuda.

— Está aí alguém? — perguntou ele, estremecendo ao ouvir o som da sua própria voz.

Abriu-se então de mansinho a porta de um grande armário que havia na parede, e apareceu a loira cabeça e o pálido rosto de Eduardo.

De aí a um instante os dois irmãos estavam estreitamente abraçados um ao outro, e durante um certo tempo nenhum deles pôde proferir palavra. Por fim Alfredo venceu a sua emoção e começou a dirigir perguntas a Eduardo, sabendo por ele que os operários tinham invadido a casa, saqueando-a por completo e fazendo uma algazarra que o deixara tranzido de medo.

Ajuntou que assim que Alfredo partira para a povoação a ala tinha ido ver se podia prestar qualquer auxílio aos seus patrões, prometendo que voltaria brevemente para junto dele

Não voltara, porém, e, enquanto a esperava, Eduardo ouviu os celerados falar na escada, e distinguiu as suas ameaças de irem buscar uma bomba de dinamite para fazer ir o cofre pelos ares, visto não o poderem abrir por outra forma.

Foi então que, pelo receio de que eles viessem e o achassem ali, se escondeu no armário, de onde só teve ânimo para sair quando reconheceu a voz do irmão.

— Não sabes, portanto, o que foi feito do Papá, da Mamã e de Niánia? — perguntou Alfredo.

— Não, não sei o que foi feito deles — replicou Eduardo.

— Felizmente, Iakow Ivanitel não tarda aí com os seus homens, a quem alguns cossacos acompanham também; é de esperar que eles descubram o que aconteceu a todos os nossos.

— Ah, sim? Eles vêm aí? — disseram em voz áspera, por detrás deles. — É bom saber-se o que está para acontecer; assim pode a gente prevenir-se.

Os rapazes, voltando-se ràpidamente, viram que quem proferira aquelas palavras fora o homem da grande cicatriz vermelha, que tinha um aspecto hediondo e denotava ter uma força hercúlea.

— É, portanto, a vós que devemos agradecer, meus jovens senhores, se todos esses besouros da polícia nos vierem zumbir aos ouvidos?

— Não a ambos — retorquiu intrèpidamente Alfredo; — meu irmão não tem nada que ver com isso.

— Ah! É então só a si? Seja, porém, como for, o que me está parecendo é que não ficaremos aqui até à chegada dos vossos amigos. Tive muita sorte em tornar a inspeccionar a casa antes de me ir embora. Venham comigo vocês ambos!

E, segurando com as suas enormes mãos cada um dos rapazes pelo colarinho, arrastou-os para fora, a despeito da resistência que eles ofereciam e dos pontapés que lhe davam, levando-os pela escada abaixo até ao pátio que ficava nas traseiras da casa, onde os esperava um trenó, a que estava atrelado um cavalo, pertencendo ambas as coisas a Tomás Oliver, conforme Alfredo reconheceu logo.

— Para onde nos levas, bandido? — interrogou ele.

— Não é da tua conta — replicou o da famosa cicatriz. — Não estou aqui para responder a perguntas; vá, entrem para o trenó.

— Não quero abandonar o meu garrano — exclamou ousadamente Alfredo. — Preciso de ir buscá-lo à cavalariça.

O homem hesitou.

— Não temos tempo a perder — disse ele por fim.

— Não me demorarei muito — replicou Alfredo, — mas desejo que o meu irmão venha comigo.

— O quê? Para se fecharem na cavalariça e se deixarem lá ficar até a polícia vir? — resmungou a sinistra criatura. — Muito obrigado! Como, porém, o garrano vale dinheiro, dou-te licença para o ires buscar, mas o teu irmão vai ficar aqui como refém, para me assegurar da tua volta.

Uma vez na cavalariça, Alfredo deu, com todo o desvelo, de comer ao cavalo, pois que Sharik tinha dado uma grande caminhada, sempre a galope, e podia ser que tivesse de percorrer ainda uma grande distância. O animal ainda estava selado e enfreado, de modo que o jovem dono empregou todo o tempo que tinha ao seu dispor em lhe dar uma boa ração de cevada, sem se importar com os gritos e imprecações do homem enquanto o animal não satisfez, em parte, a fome.

Por fim, não querendo fazer zangar mais o Cicatriz-vermelha, por causa de Eduardo, trouxe Sharik para fora, enfiou as rédeas no braço, e, sem responder coisa alguma ao que o patife dizia numa linguagem grosseira, sentou-se no trenó ao lado de Eduardo, enquanto o Cicatriz vermelha subia para a almofada.

Alfredo, no momento em que entraram na estrada real, olhou ansiosamente na direcção da cidade. Esperava, quase desiludido, que os libertadores aparecessem à última hora. Até onde a vista podia alcançar, porém, vulto algum se divisava na estrada embranquecida pela neve.

(Continua)